

O que brasileiros dizem acerca de usos de construções com verbo-suporte?

What do Brazilians say about usages of constructions with support verb?

Pâmela Fagundes Travassos¹
Marcia dos Santos Machado Vieira²

Resumo: Focalizamos padrões construcionais com verbo-suporte *DAR*, enquanto operador de verbalização de elementos não-verbais do tipo (um(a)) X-[a/i]da, (um(a)) X-[a/i]dinha, (um(a)) X-adela e (um(a)) X-(z)inh[o/a], tal como em *dar uma escapadinha* e *dar uma olhadela*. Baseamo-nos em pressupostos da Linguística Funcional-Cognitiva e da Gramática de Construções. Utilizamos dados retirados de situações reais de comunicação, do acervo *online* do jornal O Globo (1925 a 2015), para lidar com o problema da avaliação subjetiva. A metodologia é a de pesquisa experimental baseada em usos observados nesses textos. Os objetivos consistem em observar quais valores são associados por brasileiros a usos dessas construções e descrever características formais e funcionais desses predicadores complexos considerando também a ótica do usuário sobre eles. Resultados apontam que essas construções põem em evidência não só aspectualidade, mas, principalmente, o valor modal, e tais valores são reconhecidos pelos informantes.

Palavras-chave: Construções com *DAR*. Linguística Funcional-Cognitiva. Pesquisa experimental.

Abstract: We focus on constructional patterns with support verb *GIVE*, as a verbalizing operator of non-verbal elements of the type (um(a)) X-[a/i]da, (um(a)) X-[a/i]dinha, (um(a)) X-adela and (um(a)) X-(z)inh[o/a], such as *dar uma escapadinha* and *dar uma olhadela* (more or less near *take a short break* and *take a short look*). We are based on assumptions of Functional-Cognitive Linguistics and Construction Grammar. We use data taken from real situations of communication, online collection of the newspaper O Globo (1925 to 2015), in order to deal with subjective evaluation. The methodology is that of experimental research based on the uses observed in such texts. The objectives are to observe which values are associated by Brazilians with the uses of these constructions and describe the formal and functional characteristics of these complex predicates, also considering the speaker's perspective of them. Results point out that these constructions highlight not only aspectuality, but, mainly, the modal value, and these values are recognized by the informants.

Keywords: Constructions with *GIVE*. Functional-Cognitive Linguistics. Experimental research.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: fagundespamela@hotmail.com.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: marcia@letras.ufrj.br.

Introdução

O objeto de estudo deste artigo é a avaliação subjetiva de usos de construções com verbo-suporte *DAR* enquanto operador de verbalização de elementos não-verbais como (um(a)) X-[a/i]da, (um(a)) X-[a/i]dinha, (um(a)) X-adela e (um(a)) X-(z)inh[o/a], tais como: *dar entrada*, *dar partida*, *dar uma caminhadinha*, *dar uma crescidinha*, *dar uma escapadela*, *dar uma voltinha*. Partimos da seguinte questão central: como esses padrões construcionais se configuram formal e funcionalmente para os usuários do português brasileiro? Por configuração *formal*, entendemos aspectos prosódicos, fonético-fonológicos, morfológicos, morfossintáticos e sintáticos e por configuração *funcional*, aspectos semânticos, discursivos, pragmáticos, cognitivos e sociais.

Assim, o tema consiste no funcionamento e na configuração dessas perífrases verbo-nominais, tendo a metodologia experimental desenhada a partir de usos linguísticos como base e a perspectiva que o falante registra em testes como fonte de observação. Servimo-nos, principalmente, do enfoque teórico funcional-cognitivo, bem como da abordagem da língua na modelagem em rede da Gramática de Construções (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013 e GOLDBERG, 1995 e 2006). Argumentamos que tais construções são acionadas para pôr em perspectiva certas funcionalidades na interação discursiva, que podem alternar a depender do ângulo escolhido pelo conceptualizador em função de condições da situação comunicativa e de sua intencionalidade. Quando instanciadas no discurso sob a forma de constructos (usos), tendem a ser associadas ao valor aspectual não-durativo (VENDLER, 1967; RAPOSO, 2013; NEVES, 2000), como no seguinte exemplo:

(1) Convenceu seu amigo a ir até ao Centro curtir o carnaval junto. ‘Vou *dar só uma olhada*, só pra te dar essa moral, depois volto e tu fica.’ [PB, Jornal *online*, www.oglobo.globo.com]

O evento é concebido, nesse caso, focalizando-se a brevidade e a superficialidade do estado de coisas. No entanto, este estudo revela que tais predicadores/predicados complexos indicam diversas outras nuances de sentido, marcadamente influenciados não só pelo contexto semântico, discursivo, pragmático, cognitivo e social (extralinguístico), mas também pelo entorno linguístico, ou seja, pelo co-texto (intralinguístico). Um dos valores que se destacam como relacionados a essas construções é o valor modal, como podemos perceber no exemplo que segue.

(2) A mãe retornou e relatou que havia saído, mas que foi rápido e que havia pedido para sua vizinha *dar uma olhada* nas crianças. [PB, Jornal *online*, www.oglobo.globo.com]

Observando o exemplo 2, percebemos que a instanciação da microconstrução *dar uma olhada* se volta à função de modalizar o discurso. Há um pedido, por parte da mãe, à vizinha para que *cuide* das crianças enquanto a mãe estivesse fora, ou seja, que *olhe com cuidado, com atenção*. Não se trata, predominantemente, pois, de *olhar brevemente e superficialmente*, embora o evento possa ter ocorrido rapidamente. Como estratégia para alcançar seu objetivo, ou seja, com a finalidade de convencer a vizinha a cumprir a tarefa de cuidar das crianças, a mãe utiliza uma linguagem à qual se tende a associar polidez, atenuando o evento e a participação da vizinha (papel social de *cuidadora/mantenedora*, culturalmente associado à mãe), por meio do uso da construção com verbo-suporte.

Portanto, o interesse na pesquisa aqui sintetizada surgiu em função de encontrarmos, cada vez mais, no português do Brasil, perífrases verbo-nominais associadas à função de modalização do discurso e à intersubjetividade, na medida em que consistem em estratégias discursivas argumentativas que focalizam o interlocutor e a situação pragmática de comunicação. Parte-se da perspectiva de conceptualização do locutor/emissor (significado subjetivo), levando-se em conta suas crenças, opiniões, atitudes e ideologias, para se alcançar o interlocutor (significado intersubjetivo) no contexto de negociação de sentido.

Foram coletados 291 dados do acervo *online* do jornal O Globo, de 1925 a 2015, os quais foram distribuídos por década para fins de organização. Contamos com metodologia de pesquisa experimental (FASOLD, 1987; GONZALEZ-MARQUEZ, 2006 e KENEDY, 2013), de modo que pudéssemos analisar percepções, impressões, comportamentos e atitudes de usuários do português brasileiro acerca do funcionamento formal-funcional dessas perífrases. As respostas dos informantes também são analisadas tanto quantitativa quanto qualitativamente. Objetivamos descrever características formais e funcionais das construções com verbo-suporte *DAR* em estudo, aliando análise empírica a testes de atitude linguística (processamento cognitivo). Hipotetizamos que não só elementos da predicação, mas também o contexto semântico-discursivo-textual implicam diversas possibilidades de sentido, de valores.

Fundamentação teórico-explicativa

Baseamo-nos no enfoque funcional-cognitivo, bem como na pesquisa (psico)linguística (KENEDY, 2014, 2015; MACHADO VIEIRA & ESTEVES, 2009). Tendo em vista que a língua, inevitavelmente, se estabelece num contexto social, no qual usuários – que têm intenções, se comunicam e interagem – estão imersos, utilizamos a abordagem da Gramática de Construções para a exploração e investigação das construções com verbo-

suporte *DAR*. E também recorreremos a um alinhamento desses enfoques com a Linguística Cognitiva, bem como, em certa medida, com a Psicolinguística, para a observação de registros (i) de percepção e atitude dos usuários da língua portuguesa frente aos estímulos linguísticos e (ii) de conceptualização que associam às perífrases aqui em análise, sem perder de vista a interligação intrínseca entre mente humana e linguagem.

No que se refere ao campo de estudos da Psicolinguística, levamos em consideração conceitos e orientações relacionadas à metodologia experimental, com a confecção de testes de percepção e de atitude linguística, cujo objetivo central é o de observar e descrever avaliações subjetivas, que se traduzem em comportamentos linguísticos, preferências, impressões, valores, reações (positiva/negativa/neutra), opiniões e julgamentos intuitivos de usuários do português do Brasil com relação à percepção dos polos formal-funcional dos padrões construcionais. De acordo com Esteves (2008), atitude linguística é “um estado mental de predisposição em relação a formas/estruturas linguísticas em um sistema”.

Já a Linguística Cognitiva será importante por sua perspectiva integradora, ao reiterar a associação entre linguagem, pensamento, sentimento/emoção, memória, percepção, experiência (corporal) de estar no mundo, crença, informação pragmática e cognição. Na produção e na recepção dinâmica de sentidos, parte-se da perspectiva do locutor como sujeito conceptualizador pertencente a uma determinada cultura, sociedade e comunidade multifacetada (influência exterior) para se alcançar a perspectiva de entendimento do interlocutor, o qual também faz parte igualmente de um ambiente sociocultural. No uso, a variação de significados emerge e tem de ser compartilhada entre falante e ouvinte para que a comunicação tenha sucesso. Além disso, valores sociais relacionados ao prestígio (aceitação) ou estigma (rejeição) por determinada forma linguística podem exercer influência na percepção, na preferência e na “escolha” individual.

No que se refere à abordagem da Gramática de Construções, destacamos a *construção* como um construto teórico central: trata-se da unidade básica da gramática (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; CROFT & CRUISE, 2004), sendo composta por um pareamento simbólico de forma (aspectos prosódicos, fonético-fonológicos, morfológicos, morfossintáticos, sintáticos) e função (aspectos semânticos, discursivos, pragmáticos, cognitivos, sociais), podendo variar em relação ao tamanho e complexidade: de morfema a cláusula inteira e padrão ainda mais abstrato e sendo organizada em rede. Não há uma separação rígida entre léxico e gramática, o que há é um *construc-t-icon*, isto é, um grande léxico/inventário de (meta)construções (unidades representadas sob diferentes configurações formais; por exemplo, morfológicas, lexicais, (intra/supra)sentenciais). As metaconstruções

(MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2019) são variantes construcionais, unidades desse inventário em variação por similaridade. Tendo em vista os diversos atributos presentes em cada polo da construção, bem como seu caráter abstrato, Fried (2004, p.7) assevera que a construção: “fornece um protótipo geral, multidimensional, que licencia expressões linguísticas bem formadas”. Além disso, ressalta que as construções “são também objetos cognitivos, pois elas estabelecem hipóteses e generalizações explicitamente formuladas sobre o conhecimento linguístico dos falantes”.

Tendo em vista que hipotetizamos que o valor modal, bem como a perspectiva intersubjetiva estão sendo cada vez mais associados às construções com verbo-suporte aqui em foco, é importante que explicitemos conceitos teóricos relacionados a esses valores. Com relação ao aspecto verbal, Castilho (2010) apresenta a seguinte consideração: “o aspecto verbal é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender, e que integra o campo simbólico”. Já Comrie (1976) assevera: “aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation”³. Segundo Vendler (1967), o aspecto marca o tempo interno de uma situação (tempo intrínseco ao verbo, independente da situação). Consoante Travaglia (1994, p. 47), “duração é a primeira noção semântica aspectual. Em oposição à duração, temos a não duração ou pontualidade que é o caso da situação cujo início e término ocorrem no mesmo instante ou separados por um lapso de tempo curto, de tal forma que a situação é concebida como pontual”. Assim, o aspecto não-durativo (pontual) é aquele “que se confina a um único momento linguisticamente estabelecido” (VENDLER, 1967).

Entendemos modalidade, com base em Raposo (2013), como a expressão, por meio de recursos e estratégias linguísticas, de atitudes subjetivas, crenças, conhecimentos, verdades, ideologias, opiniões do sujeito enunciativo sobre o conteúdo proposicional do enunciado produzido. Desse modo, quando um usuário da língua modaliza o seu discurso, ele leva em consideração o estado de coisas estabelecido e compartilhado na comunidade a que pertence e atualiza pragmaticamente esses valores em textos subjetivos permeados de inferências facilmente deduzíveis na interação locutor-interlocutor.

No domínio da modalidade epistêmica, a intersubjetividade se destaca. Em função do modo de perspectivização de um evento, pode haver focalização de um estado de coisas,

³ “aspectos são formas diferentes de ver a constituição temporal interna de uma situação” (COMRIE, 1976, tradução nossa).

predominantemente, de modo menos subjetivo, mais subjetivo ou, ainda, mais intersubjetivo (TRAUGOTT; DASHER, 2005). O ponto de vista menos subjetivo apresenta menos marcas pessoais do locutor. A perspectiva mais subjetiva, por outro lado, apresenta marcas explícitas da avaliação e da atitude do locutor em relação ao conteúdo proposicional, bem como a elementos do discurso. A conceptualização de um estado de coisas é mais intersubjetiva quando há uma preocupação e uma atenção maior ao interlocutor, como participante da interação sociocomunicativa e, nesse sentido, pode envolver, marcas de polidez (BROWN; LEVINSON, 1987). Tais modos de perspectivização são vistos como gradientes, podendo coocorrer, embora uma perspectiva sobressaia. Em nossa hipótese, consideramos que o modo intersubjetivo possa figurar em proposições envolvendo as construções de predicação com verbo-suporte ora analisadas.

Materiais e metodologia

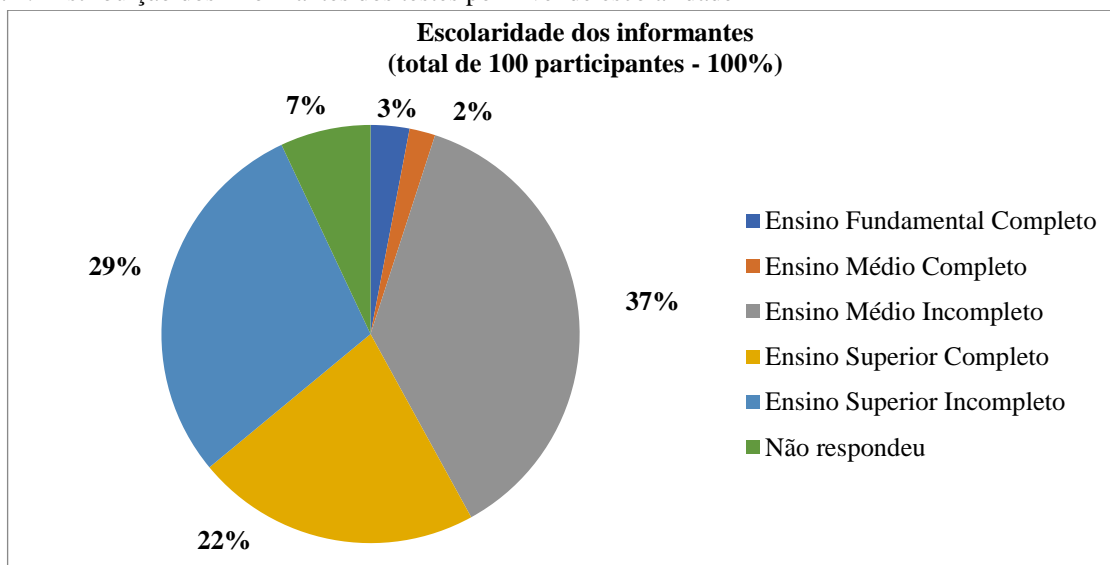
A análise dos dados oriundos de percepções tem um perfil não só quantitativo, mas também qualitativo. A análise quantitativa é importante, na medida em que, com ela, podemos observar características dos complexos verbo-nominais e identificar padrões recorrentes, bem como tendências e restrições. A análise qualitativa propicia reconhecer os valores envolvidos nas construções com verbo-suporte e verificar a possível influência de fatores contextuais e/ou co-textuais nas diversas possibilidades de sentido. A amostra de 291 dados de uso do português brasileiro é formada por trechos de textos escritos do domínio jornalístico, mais especificamente, do gênero textual *notícia*, retirados do acervo *online* do jornal O Globo, de 1925 a 2015.

A partir de trechos de textos com instanciações de construções com verbo-suporte do *corpus*, selecionamos contextos (de 1925 a 2015) que funcionariam como enunciados-estímulo nos testes de percepção e avaliação subjetiva. Optamos pela técnica experimental de medida *offline*, na qual há reflexão consciente do informante sobre o fenômeno alvo por tempo não definido previamente; ou seja, o respondente pode usar o tempo que achar necessário e as respostas captam o resultado do processamento linguístico. Houve teste de reação subjetiva, com solicitação de emissão de juízo de valor em relação às construções por parte do participante e teste de autoavaliação, com explicitação de qual forma o informante acredita que seria mais provável de ser usada por ele. A técnica usada foi a de questionários abertos (com resposta discursiva) e fechados (modelo de múltipla-escolha). Em alguns testes, havia também esquemas de categorização, escalas de diferenciação e preenchimento de lacunas. As pesquisas contavam com espaço para que o informante justificasse cada resposta,

se possível, e a opção *outro significado* para o caso de não haver a opção de sentido desejada nas opções fornecidas.

Ao todo, cem participantes, habitantes do Rio de Janeiro, responderam aos testes (no ano de 2015): dez informantes por teste (dez modelos, cf. primeira situação de cada teste nos anexos). Cada participante respondeu a apenas um teste em cerca de 20 minutos. O perfil dos respondentes é diverso, uma vez que são alunos (i) de duas turmas do Curso de Línguas Aberto à Comunidade (CLAC), projeto de extensão da UFRJ, (ii) de uma turma do primeiro ano do Ensino Médio (em torno de quarenta alunos) do Colégio QI da Tijuca, (iii) de uma turma de alunos de um curso de inglês da COPPEAD (UFRJ) e (iv) de alunos do curso de Letras da UFRJ que não tinham feito a disciplina de Morfossintaxe ainda (sem domínio do tema e do fenômeno em estudo). A faixa etária variou de catorze a sessenta anos, mas os participantes estavam na condição de estudante ao responder ao questionário. Os testes foram aplicados em sala de aula, foi dito aos participantes que não havia resposta certa e errada e que gostaríamos de contar com a opinião deles apenas. O gráfico a seguir ilustra o perfil de escolaridade dos respondentes:

Figura 1: Distribuição dos informantes dos testes por nível de escolaridade



Fonte: Autoral.

Três modelos têm *design* semelhante, porém com diferentes contextos-estímulos do *corpus*. O cabeçalho dos testes iniciava com a solicitação de informações do participante: nível de escolaridade, idade, cidade e bairro onde mora. Foi dito aos informantes que não havia resposta certa ou errada, que não havia necessidade de identificação nominal e que o objetivo da pesquisa era obter as opiniões e impressões deles sobre as formas em destaque nos

testes (perífrases verbo-nominais): *Gostaríamos de contar com sua participação (voluntária) num estudo que tem o propósito de mapear a nossa linguagem a partir das percepções de diferentes falantes. Queremos sua opinião a respeito das situações abaixo. Ao final dos testes, havia a confirmação de consentimento dos participantes acerca da disponibilização das respostas para a pesquisa: Então, autoriza-nos a contar com sua participação/opinião? () SIM () NÃO e espaço para crítica ou sugestão ao teste: Se desejar, anote aqui sua sugestão e/ou queixa em relação a esta consulta.* Ademais, optamos por não utilizar estímulos distratores para que as pesquisas não ficassem cansativas demais para os informantes e isso comprometesse sua atenção e disposição para responder. Então, foi feita a análise dos dados de avaliação subjetiva, obtidos via pesquisa experimental, de modo a observar a opinião e a percepção de usuários da língua portuguesa acerca do fenômeno.

Análise dos dados de avaliação subjetiva

Configuramos o primeiro modelo de teste de atitude com os objetivos de observar os sentidos associados às perífrases verbo-nominais e de analisar em que medida o co-texto e o contexto influenciariam para as diversas nuances de sentido. Nesse teste, destacamos a construção com verbo-suporte e demandamos que o informante escolhesse uma das opções de múltipla-escolha com o sentido que correspondesse, de acordo com a sua opinião, mais fielmente ao sentido da construção em análise. As opções eram formadas por predicadores simples e o respondente podia escrever outro sentido que não estivesse disponível nas opções. Além disso, também havia a possibilidade de marcar mais de uma opção. Segue uma situação do teste 1, bem como as respostas dos dez informantes (as mais frequentes estão na cor vermelha):

6) Olhos, para que os quero. Para ver, fixar, reconhecer, apreciar, *dar aquela piscadinha*, arregalar.

() concordar () piscar () paquerar () fechar e abrir rapidamente os olhos () afirmar que sim () fazer charme () outro sentido [neste caso, qual o sentido? _____]
Justificativa:

Quadro 1: Respostas de dez informantes para a situação 6 do teste 1

Concordar	0
Piscar	0
Paquerar	7
Fechar e abrir rapidamente os olhos	1
Afirmar que sim	0
Fazer charme	2
Outro sentido	- "O pronome 'aquela' indica que não é uma piscadinha qualquer, sugere uma paquera."

Fonte: Autoral.

Na situação 6, a maior parte dos participantes associou a microconstrução *dar aquela piscadinha* ao sentido de *paquerar*. Um respondente colocou a seguinte observação: o pronome 'aquela' indica que não é uma piscadinha qualquer, sugere uma paquera, o que reitera o valor modal e a perspectiva intersubjetiva em jogo. O pronome aquele(a), que é um dos recursos acionados para codificar gradação (avaliação do mundo) que Vieira & Machado Vieira (2008) descrevem, alinha-se ao matiz avaliativo frequentemente associado ao predicador. Em geral, as respostas de associação dos usos de predicadores complexos às opções indicadas nas diferentes situações desse teste permitiram a seguinte conclusão: tendência de associação dos usos dessas construções a valor modal e à perspectiva intersubjetiva⁴.

Formulamos o teste 2 com a finalidade de observar qual seria a *escolha*, preferencial ou exclusiva, dos participantes dentre as opções com verbo-suporte e verbo simples cognato disponíveis para preenchimento da lacuna em cada situação. Caso houvesse marcado mais de uma alternativa, era solicitado que o informante as dispusesse em um *continuum* de semelhança. Desse modo, seria possível observar o grau de comparabilidade funcional entre elas a partir do ponto de vista de usuários da língua. A seguir, há uma situação do teste 2 com as respectivas respostas dos respondentes.

- 3) O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), de 79 anos, _____
na tarde desta terça-feira no serviço médico.
a) () deu entrada b) () deu uma entradela c) () deu uma entradinha
d) () fez entrada e) () fez uma entradinha f) () entrou

Quadro 2: Respostas de dez informantes para a situação 3 do teste 2

Deu entrada	10
Deu uma entradela	0
Deu uma entradinha	0
Fez entrada	1
Fez uma entradinha	0
Entrou	3

Fonte: Autoral.

Na situação 3, todos os participantes marcaram a microconstrução *dar entrada* como sendo possível nesse contexto. Acreditamos que a *escolha* unânime por essa construção se justifique, na medida em que ela possui um alto grau de ligação interna entre seus elementos constituintes, o que a torna uma expressão já cristalizada, não-composicional e convencionalizada socialmente. Ainda com relação a essa situação, um dos informantes comentou uma possível diferença entre o predicador simples e o predicador complexo: *deu*

⁴ Detalhamentos sobre os resultados encontram-se em Travassos (2016).

entrada = receber serviço médico e *entrou* = começou a exercer serviço médico. De modo geral, nesse teste, em cada situação, todos ou muitos informantes marcaram a mesma opção específica preferencialmente ou até mesmo categoricamente como a (mais) adequada para o contexto determinado, o que revela a associação que os falantes fazem com relação à frequência de usos de construções a uma situação de comunicação (re)conhecida, fruto da interligação do conhecimento enciclopédico ao conhecimento da própria língua.

Com o teste experimental 3, objetivamos observar qual era a avaliação dos participantes com relação ao próprio uso linguístico das perífrases verbo-nominais, ou seja, se *certamente* usariam, *talvez*, *difícilmente* ou *jamais* usariam. Na situação 3 do teste 3 (cf. segue), 90% dos informantes indicaram que *certamente* usariam a forma *dar uma olhada*, o que revela uma predileção nesse contexto. Tal conclusão se revelou de forma semelhante nas outras situações do teste. De modo geral, os participantes indicaram que *certamente* usam (é possível e preferível o uso de) construções com verbo-suporte *DAR* (com ou sem artigo, com ou sem diminutivo) nos contextos apresentados. Além disso, raramente demonstraram preferência pelo uso do predicador simples ou pela construção com verbo *FAZER* nas situações do teste.

- 3) Duas galerias de screenshots bem didáticas mostram como lidar com a segurança nos browsers Internet Explorer e Mozilla Firefox. Vale a pena _____.
- a) dar olhada b) dar uma olhadinha c) dar uma olhada d) dar uma olhadela e) olhar**

Os modelos dos testes 4 e 9 são semelhantes, mas apresentam enunciados-estímulo diferentes. Optamos por desmembrar em duas versões para que um teste não ficasse muito longo e *cansativo* para os participantes (embora cada participante tenha respondido a apenas um teste). Para cada situação (tanto do teste 4 quanto do teste 9), era solicitado ao informante que escrevesse uma palavra ou expressão com sentido aproximado ao da construção destacada. A seguir, há cinco situações do teste 4 (12, 13, 14, 19 e 20) acompanhadas das respostas dos participantes, a título de ilustração. Observamos que, a depender do contexto/da situação comunicativa, há um sentido diferente. As instanciações das microconstruções *dar uma esticada*, *dar uma esticadela*, *dar uma esticadinha*, *dar uma esticada* e *dar uma esticada*, acionam, respectivamente (em 12, 13, 14, 19 e 20), nos contextos selecionados, os sentidos de *operação plástica*, *distorção da verdade*, *movimento* (tal como o verbo simples *ir*), *melhora na posição no ranking* e de *esticar*. Embora haja associação dessas construções à mesma mesoconstrução, elas apresentam valores diversos dependendo do contexto em que estão.

Assim, ficou evidente nesses testes que todas as situações revelam a importância do contexto semântico, discursivo, pragmático, cognitivo e social.

12) Meu pai era muito vaidoso. Ele fez até plástica para *dar uma esticada* no rosto. Nunca tive nenhum talento musical. Dele devo ter herdado então a vaidade. Adoro me maquiar, tirar foto.

Quadro 3: Respostas de dez informantes para a situação 12 do teste 4

1) Dar uma melhorada	6) Reduzir as rugas
2) Espichar	7) Dar uma revigorada
3) Mudar algo	8) Melhorar
4) Melhorar a pele	9) Rejuvenescer
5) Ficar mais novo	10) Melhorar

Fonte: Autoral.

13) Alguém poderia perguntar: “Que mal há numa mentirinha, em *dar uma “esticadela”* na verdade?” A desonestidade é dolorosa, não só para a pessoa que está sendo enganada, mas também para a que engana.

Quadro 4: Respostas de dez informantes para a situação 13 do teste 4

1) Dar uma amenizada	6) Dar uma disfarçada
2) Dar uma esticadinha	7) Recriar
3) Acrescentar um ponto	8) Inventar
4) Prolongar	9) Modificar
5) Dar uma desviada	10) Enganar

Fonte: Autoral.

14) Neste fim de semana, quando você for visitar o Barra Shopping, *dê uma esticadinha* até Santa Monica e conheça o outro grande sucesso da Barra. Um bairro planejado para o novo estilo de viver que surge na cidade.

Quadro 5: Respostas de dez informantes para a situação 14 do teste 4

1) Dê uma passadinha	6) Vá até
2) Dê uma passadinha	7) Dar um rolé
3) Vá	8) Vai
4) Dar uma passada	9) Vá
5) Vá rapidinho	10) Prorrogar

Fonte: Autoral.

19) Não me preocupa, porque tenho muita confiança no que está sendo feito e tenho certeza que o Botafogo daqui a pouco vai *dar uma esticada*. A diferença de pontos está pequena, e essa oscilação no campeonato acontece, comentou o treinador.

Quadro 6: Respostas de dez informantes para a situação 19 do teste 4

1) Subir no placar	6) Subir de posição
2) Dar uma aumentada	7) Subir
3) Vai voltar	8) Melhorar
4) Avançar	9) Subir
5) Ter uma melhora	10) Voltar a vencer

Fonte: Autoral.

20) Escolha um lugar no corredor, em caso de voos longos. É mais fácil sair para ir ao banheiro, ou *dar uma esticada* nas pernas, sem ter de acordar os passageiros ao lado ou ter de saltar sobre eles em manobras arriscadas e ridículas.

Quadro 7: Respostas de dez informantes para a situação 20 do teste 4

1) Dar uma alongada	6) Esticar
2) Dar uma alongada	7) -----
3) Alongar	8) Esticar
4) Alongar as pernas	9) Descansar
5) Dar uma mexida	10) Atividade

Fonte: Autoral.

Tal como os modelos 4 e 9, os modelos dos testes 5 e 6 são semelhantes, porém com enunciados-estímulo diferentes. O enunciado solicitava que o informante indicasse qual característica (*provável, duradouro, completo, repetido no tempo, duvidoso, habitual, dinâmico, superficial, possível e suave*) ele julgava estar mais fortemente associada ao evento descrito pela construção com verbo-suporte (ação, processo, estado, experiência) e o grau de intensidade dessas características: *muitíssimo, mais, relativamente, pouco e nada*. A seguir, há a situação 4 (teste 5) como exemplificação. Conforme observamos nos comentários de alguns informantes, há a percepção de que o uso de *dar uma olhadelazinha* está a serviço da marcação da noção de aspecto não-durativo, uma vez que se refere a um *olhar breve e superficial*. Em 4, há o contexto do trabalho. Desse modo, tendo em vista o momento de atenção, de cuidado e de responsabilidade emersos e requeridos pelo contexto em questão, a *olhada* (no jogo) teria de ser, necessariamente, breve. Ademais, no co-texto, há uma expressão adverbial que reforça a noção de brevidade do estado de coisas: *de vez em quando*. Nesses testes, em geral, os informantes associaram os valores revelados pelos usos das construções em cada situação, em função do co-texto linguístico e do contexto de comunicação.

4) Apesar de sair do trabalho às 18.30h apenas posso *dar uma olhadelazinha ao jogo* de vez em quando no meu celular. [PB, *Jornal online*, www.oglobo.globo.com]

Quadro 8: Comentários de dois informantes sobre respostas dadas para a situação 4 do teste 5

Comentários de dois informantes:

- 1) “Quando se lê essa frase, percebe-se que olhar o jogo será uma ação extremamente superficial, uma vez que o jogo deverá ser assistido rapidamente.”
- 2) “Momentâneo e superficial, porque ele está trabalhando e repetido no tempo conforme se deduz da expressão ‘de vez em quando’”.

Fonte: Autoral.

Os testes de atitude 7 e 8 (modelos semelhantes com exemplos diferentes) foram elaborados com vistas a analisar quais características os usuários da língua associam aos

enunciadores das construções complexas (*escolarizado, simpático, eloquente, formal, cuidadoso, superficial, habilidoso* ou *sutil*) e com que intensidade (*muitíssimo, mais, relativamente, pouco* e *nada*). A situação 8 que segue exemplifica um contexto do teste 7. Nesse exemplo, observando as opções marcadas pelos respondentes, percebemos que a interferência do co-texto fica evidente quando metade dos informantes associa o produtor do enunciado com *dar uma facada* como *mais escolarizado* e *mais formal* e 60% dos informantes atribuem ao enunciador as características *mais eloquente* e *mais habilidoso*, por influência do uso de ênclise (*dando-lhe*) e de mesóclise (*ter-lhe-á*) no entorno linguístico, que revelam um grau maior de monitoração da linguagem. Por outro lado, acreditamos que a maior parte dos participantes (60%) tenha marcado as opções *pouco simpático* e *pouco sutil* e 40% tenham indicado a opção *pouco superficial*, por interferência do contexto, ou seja, por acreditarem que o ato de dar uma facada em outra pessoa consiste em uma ação violenta, pouco sutil, uma vez que causa um ferimento nada superficial e pela crença de que a pessoa que o fez não é nada simpática. Padrões de associação como esse foram captados em todas as situações dos testes.

8) No meio de mais uma discussão, ele *ter-lhe-á* atirado o vinho que tinha num copo e ela respondeu *dando-lhe uma facada* no abdômen, num movimento ‘rápido e violento’. [PB, *Jornal online*, www.oglobo.globo.com]

Quadro 9: Distribuição e percentual de respostas marcadas para a situação 8 do teste 7

	+		+ -		-	
	Muitíssimo	Mais	Relativamente	Pouco	Nada	
Escolarizado	2	5 50%	2	1		
Simpático		1	1	6 60%		1
Eloquente	2 20%	6 60%	1	1		
Formal	1	5 50%				3
Cuidadoso	1	1	2	2		2
Superficial	1	1	1	4 40%		2 20%
Habilidoso		6 60%	1	1		1
Sutil			1	6 60%		3 30%

Fonte: Autoral.

Com o teste 10, objetivamos investigar a percepção dos informantes acerca de qual estrutura seria mais adequada ao contexto (múltipla-escolha) e qual seria a intenção comunicativa dos enunciadores ao utilizarem tais estruturas em cada situação (curta resposta

discursiva). A seguir, ilustramos com a situação 9 do teste 10, seguida das respostas dos participantes. Nesse contexto, a maioria dos informantes marcou a opção *pintar* como a mais adequada para preenchimento da lacuna. Na sentença original, a frase era preenchida pela construção *dar uma pintadela* (opção considerada apenas por um informante). Acreditamos que a opção preferencial pelo predicador simples se deve ao paralelismo com outros verbos no infinitivo do entorno, como *retirar* e *fazer* e também devido à referência a uma autoridade pública (papel social) na descrição da situação: o governador, o qual remete à formalidade maior da situação e, portanto, a uma associação do verbo simples a uma situação mais formal e mais culta e, por outro lado, o complexo verbo-nominal à informalidade. Já outros participantes, indo na direção contrária, responderam que a forma verbal simples seria uma maneira menos complicada para o direcionamento à população. Esse perfil de resposta associado aos participantes do evento comunicativo, isto é, à intenção do locutor e à interpretação do interlocutor, foi captado em todas as situações fornecidas no teste.

9) (Situação: *Governador* dá satisfação à população da utilização da verba pública.)
 É uma verba que servirá para retirar os andaimes e escoras, _____ e fazer pequenos arranjos. (teste 10)

Quadro 10: Respostas de dez informantes para a situação 9 do teste 10 e justificativas

(a) Dar uma pintadinha	1
(b) Uma pintadela dar	0
(c) Dar uma pintadinha	1
(d) Uma pintada dar	1
(e) Dar uma pintadela	1
(f) Uma pintadinha dar	0
(g) Pintar	7
Justificativas de informantes para a marcação da opção (g):	
1) Mais culta, em se tratando de uma figura política	
2) Se explicar com a população	
3) Passar de modo simples a informação	
4) Ser formal	

Fonte: Autoral.

Discussão dos resultados e considerações finais

Os resultados revelam que tanto o contexto semântico, discursivo, pragmático, cognitivo e social quanto o co-texto linguístico influenciaram nas diversas possibilidades de interpretação dos sentidos. Isso revela como é urgente que a contextualidade seja também um parâmetro explorado nas investigações construcionistas, que se voltam aos parâmetros esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Além disso, o valor preponderante é o modal, bem mais recorrentemente associado às construções com verbo-suporte *DAR* (enquanto operador de elementos não-verbais do tipo (um(a)) X-[a/i]da, (um(a)) X-[a/i]dinha,

(um(a)) X-adela e (um(a)) X-(z)inh[o/a]) atualmente do que o valor aspectual não-durativo, havendo, portanto, uma convencionalização social. Assim, observamos que várias outras relações de sentido se atualizaram e, até mesmo, se sobrepuseram à de aspecto, normalmente referida quando se pensa nesse tipo de construção de predicação.

À luz da Linguística Funcional-Cognitiva, da Gramática de Construções e de metodologia da Psicolinguística, observamos registros feitos por falantes brasileiros sobre o comportamento linguístico relacionado ao fenômeno que é detectado em notícias jornalísticas. Os participantes de pesquisa experimental, por vezes, associam determinadas perífrases ao aspecto não-durativo (pontual), ou seja, à brevidade do estado de coisas, porém, há, pelo menos atualmente, uma tendência grande a relacionar essas construções à noção de modalização, como uma estratégia argumentativa de persuasão e de construção de relação polida com o interlocutor. (Inter)subjetividade parece ser a força discursivo-pragmática a mobilizar o acionamento estratégico dos padrões construcionais com verbo-suporte analisados na construção dos contornos sociocomunicativos.

Portanto, a contribuição desta pesquisa reside na reflexão que provoca acerca da consideração da relação entre contextualidade e os demais parâmetros envolvidos numa construção (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e de um recurso linguístico disponível na língua portuguesa (variedade brasileira): complexos verbo-nominais. Desse modo, com o conhecimento de seu funcionamento formal-funcional, bem como com a conscientização de seus efeitos, como estratégia para alcançar o interlocutor, é possível uma externalização consciente e produtiva na interação sociocomunicativa, o que nos torna mais competentes na relação locutor-interlocutor e mais expressivos, uma vez que, com esse recurso, produzimos diversos valores, sentidos e perspectivas de conceptualização dos eventos do mundo.

Referências

- ABRAÇADO, J.; KENEDY, E. **Transitividade traço a traço**. Niterói: Eduff, 2014.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness**: Some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. D. **Cognitive linguistics**. Cambridge: University of Cambridge Press, 2004.

ESTEVES, G. A. T. **Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples**. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FASOLD, R. **The Sociolinguistics of society**. Vol. I. New York, USA: B. Blackwell, 1987, p. 147-179.

FRIED, M.; ÖSTMAN, J. Construction Grammar: A thumbnail sketch. In: FRIED, M.; ÖSTMAN, J.-O. (Eds.). **Construction grammar in a cross language perspective**, 2004.

GOLDBERG, A. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONZALEZ-MARQUEZ, M. *et al.* **Methods in cognitive linguistics**. Amsterdam, John Benjamins, 2006.

KENEDY, E. Curso básico de linguística gerativa. São Paulo: Contexto. **Sintaxe e computações sintáticas**, p. 177-208, cap. 8, 2013.

KENEDY, E. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, M. (Org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, p. 143-156, 2015.

MACHADO VIEIRA, M. S.; ESTEVES, G. A. T. **Metodologia de avaliação subjetiva de usos linguísticos em variação**. Neue Romania, Variação Linguística em Megalópoles Latino-Americanas, 39, Série do Instituto de Filologia Românica da Universidade de Berlin, Lincom GmbH, p. 237-266, 2009.

MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. In: MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. **Dimensões e experiências em sociolinguística**. Rio de Janeiro: Blucher, 2019. p. 85-120.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

RAPOSO, E. B. P.; BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; MOTA, M. A. C.; SEGURA, L.; MENDES, A. (Coords.). **Gramática do português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, XLVII+XXIII+2409, p. 2013.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and construction changes**. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal do português: a categoria e sua expressão**. 3. ed. Uberlândia. E: Universidade Federal de Uberlândia, 1994.

TRAVASSOS, P. F. **Construções com verbo-suporte DAR: indicação de aspecto e/ou outro valor?** Monografia de fim de curso. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2016.

VENDLER, Z. **Linguistics in philosophy**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

VIEIRA, S. R.; MACHADO VIEIRA, M. S. A expressão de grau: para além da morfologia. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 63-83, 2008.

O Globo. Rio de Janeiro. Disponível em: www.oglobo.globo.com. Acesso em: 18 dez. 2018.

Anexo

TESTE 1

Escolha a(s) opção(ões) que corresponda(m) melhor ao SENTIDO da expressão sublinhada. Se achar que mais de uma é adequada, marque-as. Se possível, justifique a(s) seleção(ões) feita(s) e/ou diga por qual motivo não escolheu as outras opções. Caso opte por “outro sentido”, diga qual o sentido diferente que você percebe.

1) D. Adalgisa Nery Fontes, que vem trabalhando tanto para o Menor Abandonado, podia, já que está com a mão na “massa”, **dar uma olhadela** (n)esses menores, abandonados pelo poder público.

- conferir olhar prestar atenção experimentar espiar examinar espreitar
 outro sentido [neste caso, qual o sentido? _____]

Justificativa:

TESTE 2

Leia, com atenção, cada uma das 9 situações a seguir.

Marque, com X, a resposta (ou as respostas) que, na sua avaliação, se relaciona(m), com maior precisão de significado, a cada situação. Se achar que mais de uma alternativa é possível, assinale mais de uma. Se achar que todas são possíveis, marque todas.

Ao lado de “Justificativa:”, diga, se possível, o motivo que o levou a marcar o que marcou ou diga por que não marcou as outras opções.

Que expressão(ões) cabe(m) nas lacunas dos trechos abaixo?

1) Fora da capital, Pezão gosta de _____ nos fins de semana a Paraty, Mauá, uma noite no antigo lar. Maria Lúcia gosta do apartamento do Leblon. E é a primeira-dama quem puxa o governador para dar umas voltas.

- a) dar uma escapada b) dar uma escapadela c) dar uma escapadinha
d) fazer uma escapadela e) fazer uma escapada f) fazer uma escapadinha g) escapar

Justificativa:

Se tiver marcado mais de uma alternativa de resposta, indique, na escala de parentesco de significado na tabela abaixo, como se apresentam, entre si, as respostas marcadas com X. Basta usar, nessa indicação (no preenchimento da tabela abaixo), as letras que correspondem às respostas.

+ Muitíssimo parecida(s)	mais parecida(s)	± parecida(s)	pouco parecida(s)	- Nada parecida(s)

TESTE 3

Leia, com atenção, cada uma das 9 situações a seguir.

Com base no sentido sugerido em cada trecho de texto e também no uso que efetivamente fazemos do Português, associe cada alternativa oferecida a uma avaliação de uso (na primeira coluna da tabela), preenchendo a segunda coluna da tabela com as letras que correspondem às alternativas linguísticas em jogo. Se quiser, pode relacionar uma mesma alternativa a mais uma avaliação. Na última coluna, diga, se possível, o motivo que o levou a cada associação (entre avaliação e alternativa(s)).

Que expressão(ões) tenderia ou não a usar em cada situação?

1) (Zoológico) Para suprir essa deficiência, médicos, veterinários, dentistas, ligados a entidades preservacionistas dedicam seus fins-de-semana- sem nada receber- para cuidar e tratar deles. Por isso é comum no parque encontrar o dentista Luís Paulo Sacco, que, quando pode, _____ do seu consultório para ajudar no tratamento dos animais doentes.

- a) dá escapada b) dá uma escapada c) dá uma escapadela d) dá uma escapadinha
 e) faz uma escapadela f) faz uma escapada g) faz uma escapadinha h) escapa

No contexto acima,	Que alternativas?	Por quê?
Certamente usaria		
Talvez até usasse		
Difilmente usaria		
Jamais usaria		

TESTE 4

Leia, com atenção, cada uma das 21 situações a seguir. Em seguida, substitua cada uma das formas verbais em negrito por verbo ou expressão que exprima sentido equivalente/parecido ao que cada uma delas revela em cada trecho.

A que sentido cada expressão em negrito em cada contexto corresponde?

Contexto	Forma com sentido equivalente
1) Mesmo sabendo do pouco tempo que temos até a entrega do trabalho escrito, o professor disse: “Ainda assim, as ideias são tantas – e tantas delas boas – que vale a pena dar uma olhadela .”	1)

TESTE 5

Leia, com atenção, cada uma das **11 situações** a seguir e analise as expressões em destaque (em negrito), marcando com X a coluna correspondente ao seu significado.

Numa das colunas de cada tabela, localize, marcando com X, o sentido mais fortemente sugerido por cada expressão em negrito. Observe que cada coluna representa um grau diferente do sentido em exame, começando do valor mais forte, na primeira coluna, até o mais fraco do sentido na última.

Se achar que mais de uma alternativa de sentido (indicado em cada linha da tabela) é possível, assinale X em mais de uma linha. Se achar que todas são possíveis, marque X em todas as linhas. Sempre de acordo com o valor mais ou menos forte do sentido em exame em cada linha. Se considerar que nenhuma das opções indica exatamente o sentido, acrescente o sentido que você percebe ao lado de “Outro significado:”.

Ao lado de “Justificativa:”, diga, se possível, o motivo que o levou a marcar o que marcou ou diga por que não marcou as outras opções.

Que sentido(s), no evento descrito (ação, processo, estado, experiência), cada uma das expressão(ões) sublinhadas nos trechos abaixo sinaliza mais fortemente?

1) Mesmo sabendo do pouco tempo que temos até a entrega do trabalho escrito, o professor disse: “Ainda assim, as ideias são tantas – e tantas delas boas – que vale a pena **dar uma olhadela**.”

Evento				
+		±		-
Muitíssimo	mais	relativamente	pouco	nada
provável				provável

duradouro				duradouro
completo				completo
repetido no tempo				repetido no tempo
duvidoso				duvidoso
habitual				habitual
dinâmico				dinâmico
superficial				superficial
possível				possível
suave				suave

Outro significado:

Justificativa:

TESTE 6

Teste semelhante ao teste 5, porém com estímulos diferentes.

TESTE 7

Leia, com atenção, cada uma das **11 situações** a seguir e marque, com X, a coluna correspondente à caracterização de quem fala cada trecho.

Cada linha revela uma característica diferente de quem fala cada trecho. E cada coluna representa um grau diferente dessa característica em exame, começando do valor mais forte, na primeira coluna, até o mais fraco dessa característica na última.

Que características tem o falante de cada trecho abaixo?

1) Mesmo sabendo do pouco tempo que temos até a entrega do trabalho escrito, o professor disse: “Ainda assim, as ideias são tantas – e tantas delas boas – que vale a pena **dar uma olhadela.**”

Evento				
+		±		-
Muitíssimo	mais	relativamente	pouco	nada
escolarizado				escolarizado
simpático				simpático
eloquente				eloquente
formal				formal
cuidadoso				cuidadoso
superficial				superficial
habilidoso				habilidoso
sutil				sutil

Percebeu outra característica?

TESTE 8

Teste semelhante ao teste 7, porém com estímulos diferentes.

TESTE 9

Leia, com atenção, cada uma das 16 situações a seguir. Em seguida, substitua cada uma das formas verbais em negrito por verbo ou expressão que exprima sentido equivalente/parecido ao que cada uma delas revela em cada situação.

A que sentido cada expressão em negrito em cada contexto corresponde?

Contexto	Sentido
1) Ainda assim, as ideias são tantas – e tantas delas boas – que vale a pena dar uma	1)

olhadela.

TESTE 10

Analise cada situação proposta abaixo e, então, marque a(s) alternativa(s) de resposta que mais adequadas são à intenção comunicativa do emissor do texto que você percebe em cada trecho. Se achar que mais de uma é adequada, marque mais de uma alternativa. Ao final de cada análise, diga qual é a intenção comunicativa que percebeu em cada trecho.

Que intenção(ões) sobressai(em) em cada trecho abaixo? Que alternativa(s) preencheria(m) mais adequadamente cada lacuna?

1- (**Situação:** Pedro e Maria conversam. Pedro critica um jornal, enquanto Maria o defende.)

Maria: Ainda assim, as ideias são tantas – e tantas delas boas – que vale a pena

Que alternativa seria mais adequada?	Para que intenção comunicativa?
(a) dar uma olhada	(a)
(b) dar uma olhadela	(b)
(c) dar uma olhadinha	(c)
(d) dar uma olhadelazinha	(d)
(e) dar uma boa olhada	(e)
(f) dar aquela olhada	(f)
(g) olhar	(g)

Sobre as autoras

Pâmela Fagundes Travassos (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-0683-9742>)

Doutoranda, bolsista da CAPES, no Programa de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); mestra em Língua Portuguesa (Letras Vernáculas) pela mesma instituição; especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (UFF); licenciada em Letras - Português-Literaturas pela UFRJ.

Marcia dos Santos Machado Vieira (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-2320-5055>)

Doutora e mestra em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); graduada em Letras - Português/Inglês pela mesma instituição. É professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ.

Recebido em junho de 2020.

Aprovado em outubro de 2020.